

**Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)**



A Educação em suas Dimensões Pedagógica, Política, Social e Cultural 2

Atena
Editora
Ano 2020

**Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)**



A Educação em suas Dimensões Pedagógica, Política, Social e Cultural 2

Atena
Editora
Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Geraldo Alves

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloí Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
 Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
 Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
 Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
 Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
 Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
 Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Prof^a Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
 Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
E24	<p>A educação em suas dimensões pedagógica, política, social e cultural 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-81740-28-3 DOI 10.22533/at.ed.283201302</p> <p>1. Educação e Estado – Brasil. 2. Educação – Aspectos sociais. 3. Educação – Inclusão social. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza.</p> <p style="text-align: right;">CDD 370.710981</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior CRB6/2422	

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Brinquedo que for dado, criança brinca
brincando com fardado, criança grita
mas se leva pro sarau, a criança rima
(Carnevalli, Rafael, 2015)

A Educação, nas suas diversas dimensões, seja política, cultural, social ou pedagógica, é articular, acompanhar, intervir e executar e o desempenho do aluno/cidadão. As dimensões pedagógicas são capazes de criar e desenvolver sua identidade, de acordo com o seu espaço cultural, pois possuem um conjunto de normas, valores, crenças, sentimentos e ideais. Sobretudo, na maneira de conhecer as pessoas e conhecer o mundo, suas expressões criativas, tudo isto, é um espaço aberto para o desenvolvimento de uma Proposta Pedagógica adequada à escola e de acordo com o disposto na Lei no 9394/96, Título II, Art. 2o: “A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Diante das transformações econômicas, políticas, sociais e culturais do mundo contemporâneo, a escola vem sendo questionada acerca do seu papel nesta sociedade, a qual exige um novo tipo de trabalhador, mais flexível e polivalente, capaz de pensar e aprender constantemente, que atenda as demandas dinâmicas que se diversificam em quantidade e qualidade. A escola deve também desenvolver conhecimentos, capacidades e qualidades para o exercício autônomo, consciente e crítico da cidadania. Para isso ela deve articular o saber para o mundo do trabalho e o saber para o mundo das relações sociais. No seu âmbito mais amplo, são questões que buscam apreender a função social dos diversos processos educativos na produção e reprodução das relações sociais. No plano mais específico, tratam das relações entre a estrutura econômico-social, o processo de produção, as mudanças tecnológicas, o processo e a divisão do trabalho, a produção e a reprodução da força de trabalho e os processos educativos ou de formação humana. Nesta nova realidade mundial denominada por estudiosos como sociedade do conhecimento não se aprende como antes, no modelo de pedagogia do trabalho taylorista / fordista fundadas na divisão entre o pensamento e ação, na fragmentação de conteúdos e na memorização, em que o livro didático era responsável pela qualidade do trabalho escolar. Hoje se aprende na rua, na televisão, no computador em qualquer lugar. Ou seja, ampliaram-se os espaços educativos, o que não significa o fim da escola, mas que esta deve se reestruturar de forma a atender as demandas das transformações do mundo do trabalho e seus impactos sobre a vida social. A obra “A EDUCAÇÃO EM SUAS DIMENSÕES PEDAGÓGICA, POLÍTICA,

SOCIAL E CULTURAL” em seus 04 volumes compostos por capítulos em que os autores abordam pesquisas científicas e inovações educacionais, tecnológicas aplicadas em diversas áreas da educação e dos processos de ensino. Esta obra ainda reúne discussões epistemológicas e metodológicas da pesquisa em educação, considerando perspectivas de abordagens desenvolvidas em estudos e orientações por professores da pós-graduação em educação de universidades públicas de diferentes regiões/lugares do Brasil. Essa diversidade permite aos interessados na pesquisa em educação considerando a sua diversidade e na aproximação dos textos percebe-se a polifonia de ideias de professores e alunos pesquisadores de diferentes programas formativos e instituições de ensino superior, podendo também cada leitor se perceber na condição de autor de suas escolhas e bricolagens teórico-metodológicas.

Entendemos que esses dois caminhos, apesar de diferentes, devem ser traçados simultaneamente, pois essas aprendizagens não são pré-requisito uma da outra; essas aprendizagens acontecem ao mesmo tempo. Desde pequenas, as crianças pensam sobre a leitura e a escrita quando estão imersas em um mundo onde há, com frequência, a presença desse objeto cultural. Todo indivíduo tem uma forma de contato com a língua escrita, já que ele está inserido em um mundo letrado. Segundo a educadora Telma Weiz, “a leitura e a escrita são o conteúdo central da escola e têm a função de incorporar à criança a cultura do grupo em que ela vive”. Este desafio requer trabalho planejado, constante e diário, além de conhecimento sobre as teorias e atualizações. Enfim, pode-se afirmar que um dos grandes desafios da educação brasileira hoje é não somente garantir o acesso da grande maioria das crianças e jovens à escola, mas permitir a sua permanência numa escola feita para eles, que atenda às suas reais necessidades e aspirações; é lidar com segurança e opções políticas claras diante do binômio quantidade versus qualidade. Escrever é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida. (GILLES DELEUZE, A literatura e a vida. In: Crítica e Clínica) Finalmente, uma educação de qualidade tem na escola um dos instrumentos mais eficazes de tornar-se um projeto real. A escola transforma-se quando todos os saberes se põem a serviço do aluno que aprende, quando os sem vez se fazem ouvir, revertendo à hierarquia do sistema autoritário. Esta escola torna-se, verdadeiramente popular e de qualidade e recupera a sua função social e política, capacitando os alunos das classes trabalhadoras para a participação plena na vida social, política, cultural e profissional na sociedade.

Boa leitura!!!

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
CONSTRUÇÃO DE CONCEITOS MATEMÁTICOS POR CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL A PARTIR DO JOGO BOLA NA CAÇAPA	
Flávia Cristina dos Reis Abud Fonseca Ana Paula Xavier	
DOI 10.22533/at.ed.2832013021	
CAPÍTULO 2	8
CONSTRUCCIÓN DEL PENSAMIENTO Y CONOCIMIENTO CIENTÍFICO, UNA PROPUESTA PARA EL AULA	
Liliana Esther Mayoral Nouvelière Eugenia Cristina Artola Francisco González García	
DOI 10.22533/at.ed.2832013022	
CAPÍTULO 3	27
COTIDIANO NA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORAS: A ESCOLA COMO ESPAÇO DE CRIAÇÃO DAS “ARTES DE FAZER”	
Letícia de Oliveira Castro Heloísa Raimunda Herneck	
DOI 10.22533/at.ed.2832013023	
CAPÍTULO 4	38
CULTURA E INSTITUIÇÃO ESCOLAR: O DIÁLOGO ENTRE OS SUJEITOS QUE FAZEM A EDUCAÇÃO	
Alexandre Souza de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.2832013024	
CAPÍTULO 5	51
DESENVOLVIMENTO DO DESIGN COGNITIVO DO MUSEU VIRTUAL DA ESCOLA PARQUE DE ANÍSIO TEIXEIRA VIA PESQUISA-APLICAÇÃO - DBR	
Ednei Otávio da Purificação Santos Alfredo Eurico Rodrigues Matta Jaci Maria Ferraz de Menezes	
DOI 10.22533/at.ed.2832013025	
CAPÍTULO 6	60
DESPROTEÇÃO SOCIAL E BARBÁRIE:A REALIDADE DE FILHOS E PAIS NA SEGREGAÇÃO DOS HANSENIANOS NA COMUNIDADE DE PARICATUBA IRANDUBA AM	
Ana Maria Menezes Fonseca Ângela Emília Gama da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.2832013026	

CAPÍTULO 7	73
DISCRIMINAÇÃO E INVISIBILIDADE: OS SERVIÇOS DE SAÚDE PÚBLICA A PESSOA LGBTQI+ E EDUCAÇÃO	
Morgana Naiara Barbosa Moraes Luís Antonio Bitante Fernandes	
DOI 10.22533/at.ed.2832013027	
CAPÍTULO 8	82
E LÁ SE FORAM QUATRO ANOS: PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO E INCLUSÃO DOS JOVENS COM DEFICIÊNCIA	
Vanderlei Balbino da Costa Halline Mariana Santos Silva	
DOI 10.22533/at.ed.2832013028	
CAPÍTULO 9	92
EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE EDUCAÇÃO INFANTIL: O PLANTIO DE ÁRVORES FRUTÍFERAS COMO ELEMENTO MOTIVADOR	
Solidade Virgínia Cavalcante Alves Abigail de Souza Pereira Maria de Fátima de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.2832013029	
CAPÍTULO 10	102
EDUCAÇÃO DO CAMPO E ÊXODO RURAL NO EXTREMO OESTE CATARINENSE: UMA TESE EM SETE ARTIGOS	
José Fabiano de Paula Leonidas Roberto Taschetto	
DOI 10.22533/at.ed.28320130210	
CAPÍTULO 11	113
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: DO DIREITO À REALIDADE	
Maria José Poloni Neide Cristina da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.28320130211	
CAPÍTULO 12	127
EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: LEVANTAMENTO DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS QUE FAVOREÇAM O PENSAR CIENTÍFICO DA CRIANÇA E O REPENSAR DA AÇÃO DOCENTE	
Rosângela Duarte Elena Campo Fioretti Ana Claudia Paula do Carmo	
DOI 10.22533/at.ed.28320130212	
CAPÍTULO 13	145
EDUCAÇÃO EM ESPAÇOS NÃO ESCOLARES: ELABORAÇÃO DE RECURSO DIDÁTICO PARA O ENSINO DE PARASITOLOGIA	
Thaís Gomes de Paula	
DOI 10.22533/at.ed.28320130213	

CAPÍTULO 14	155
EDUCAÇÃO EM QUÍMICA: O USO DA EXPERIMENTAÇÃO NO ENSINO DE SOLUÇÕES	
Josefa Vanessa dos Santos Araújo	
José Carlos Oliveira Santos	
Joabi Faustino Ferreira	
Vanderléia Fernanda dos Santos Araújo	
Victor Júnior Lima Félix	
Breno do Nascimento Ferreira	
Rita de Cássia Limeira Santos	
Maria Gabriela da Costa Melo	
Tárcio Rocha Dantas	
Anamélia de Medeiros Dantas Raulino	
DOI 10.22533/at.ed.28320130214	
CAPÍTULO 15	165
EDUCAÇÃO EUROPEIA NA IDADE MÉDIA: IMPORTÂNCIA DO CRISTIANISMO	
Ozineide Alves de Oliveira	
Maiké Lucas de Oliveira Maia	
DOI 10.22533/at.ed.28320130215	
CAPÍTULO 16	169
EDUCAÇÃO INCLUSIVA À LUZ DA PERSPECTIVA INTERSECCIONAL: APONTAMENTOS PARA A DEMOCRATIZAÇÃO DO ENSINO	
Raquel Almeida Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.28320130216	
CAPÍTULO 17	177
EDUCAÇÃO INCLUSIVA EM ESCOLAS ESTADUAIS DE MUNICÍPIOS QUE FAZEM PARTE DO CURIMATAÚ E SERIDÓ PARAIBANO	
Judcely Nytyeska de Macêdo Oliveira Silva	
Leonardo Lira de Brito	
Maria de Fátima Carvalho Costa	
Amanda Feliciano da Costa	
DOI 10.22533/at.ed.28320130217	
CAPÍTULO 18	187
EDUCAÇÃO PERMANENTE DOS DOCENTES NA EDUCAÇÃO SUPERIOR: UMA REVISÃO INTEGRATIVA	
Josy Lira Dias	
Kelly de Oliveira Mota	
Zilma Torres Dias	
Maria Dias Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.28320130218	
CAPÍTULO 19	199
EDUCAÇÃO SUPERIOR E MODELO ESTRATÉGICO DE GESTÃO	
Adelcio Machado dos Santos	
Audete Alves dos Santos Caetano	
DOI 10.22533/at.ed.28320130219	

CAPÍTULO 20	210
EDUCAR PELA PESQUISA: UMA PROPOSTA DE FORMAÇÃO INTEGRAL ATRAVÉS DA EXPERIMENTAÇÃO EM QUÍMICA	
Patrícia Anselmo Zanotta Daniele Colembergue da Cunha Vanzin Marina Zanotta Rocha Maria do Carmo Galiuzzi	
DOI 10.22533/at.ed.28320130220	
CAPÍTULO 21	220
O JOGO PEDAGÓGICO COMO INSTRUMENTO FACILITADOR NO ENSINO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL: RELATO DE EXPERIÊNCIA	
Eduardo Junior da Conceição Marina Gomes da Silva Guedes Vera Borges de Sá	
DOI 10.22533/at.ed.28320130221	
CAPÍTULO 22	233
INCLUSÃO ESCOLAR: BARREIRAS ATITUDINAIS ENFRENTADAS NA APRENDIZAGEM	
Felipe Correa da Rosa Leite Claudete da Silva Lima Martins	
DOI 10.22533/at.ed.28320130222	
CAPÍTULO 23	242
ESCOLAS YANOMAMI E O CAMINHAR DE SUA EDUCAÇÃO ESCOLAR	
Katriny Alves de Aguiar Valéria Augusta Cerqueira de Medeiros Weigel	
DOI 10.22533/at.ed.28320130223	
CAPÍTULO 24	254
ESQUIZOFRENIA E O PROCESSO EDUCACIONAL	
Tatiane Mello de Miranda Adriane de Lima Vilas Boas Bartz Cintya Fonseca Luiz	
DOI 10.22533/at.ed.28320130224	
CAPÍTULO 25	265
ESTRATÉGIA PARA FORMAÇÃO EM GERONTOLOGIA, APLICAÇÃO DO PROJETO TERAPÊUTICO SINGULAR	
Daisy de Araújo Vilela Isadora Prado de Araújo Vilela Ana Lúcia Rezende Souza Marina Prado de Araújo Vilela Juliana Alves Ferreira Camila Ferreira Araújo Claurestina Ramires da Silva Keila Márcia Ferreira de Macêdo Glauco Lima Rodrigues Renata Machado de Assis	
DOI 10.22533/at.ed.28320130225	

CAPÍTULO 26 278

ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA OU MOBILIDADE REDUZIDA: ACESSIBILIDADE E ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS ESCOLARES NA REDE MUNICIPAL DE PALHOÇA/SC

Erica de Oliveira Gonçalves
Gabrielly Cristine da Silva

DOI 10.22533/at.ed.28320130226

CAPÍTULO 27 300

FAMPREPARA: UMA AÇÃO PARA DEMOCRATIZAÇÃO DO ACESSO AO ENSINO SUPERIOR

Neire Moura De Gouveia
Vanessa Rodrigues de Jesus
Lenilza Alves Pereira Souza
Daiana Sganzella Fernandes
Morgana Potrich

DOI 10.22533/at.ed.28320130227

CAPÍTULO 28 304

FILOSOFIA E PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO: UMA ANÁLISE EM JEAN PIAGET E JEAN-JACQUES ROUSSEAU

Letícia Alves Assis
Edson de Sousa Brito

DOI 10.22533/at.ed.28320130228

CAPÍTULO 29 313

FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA COM FOCO EM CIÊNCIA, TECNOLOGIA E SOCIEDADE – CTS

Luis Alexandre Lemos Costa
Luciana Carlena Correia Velasco Guimarães
Mauro Guterres Barbosa

DOI 10.22533/at.ed.28320130229

CAPÍTULO 30 327

FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES YANOMAMI: UMA EXPERIÊNCIA NO RIO MARAUIÁ

Katrinny Alves de Aguiar
Valéria Augusta Cerqueira de Medeiros Weigel

DOI 10.22533/at.ed.28320130230

CAPÍTULO 31 336

A PARÁFRASE NO DISCURSO RELIGIOSO MIDIÁTICO

Solange Aparecida de Souza Monteiro
Paulo Rennes Marçal Ribeiro
Giovanna Moraes Ferreira
Letícia Jovelina Storto
Débora Cristina Machado Cornélio
Heitor Messias Reimão de Melo
Fernando Sabchuk Moreira
Valquiria Nicola Bandeira
Carlos Simão Coury Corrêa

Andreza de Souza Fernandes
Monica Soares
Vanessa Cristina Scaringi

DOI 10.22533/at.ed.28320130231

SOBRE A ORGANIZADORA.....	347
ÍNDICE REMISSIVO	348

FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES YANOMAMI: UMA EXPERIÊNCIA NO RIO MARAUIÁ

Data de aceite: 31/01/2020

Katriny Alves de Aguiar

Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Amazonas. Professora Formadora do Projeto de Formação de professores Indígenas Pirayawara – Secretaria de Educação do Estado do Amazonas – SEDUC-AM.

Valéria Augusta Cerqueira de Medeiros Weigel

Doutora em Ciências Sociais (Antropologia) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora Titular da Universidade Federal do Amazonas.

Nome dado às casas coletivas do povo Yanomami.

RESUMO: O presente artigo traz o relato da experiência realizada junto a 27 professores indígenas da etnia Yanomami, sendo divididos em uma turma de 11 e outra de 16, do rio Marauíá, localizado no município de Santa Isabel do Rio Negro-Amazonas, de formação continuada, onde objetivou-se pensar sobre o funcionamento da escola, principalmente no que tange ao planejamento e regularidade das aulas, trazendo a forma como se foi construído, de forma coletiva, o modelo de planejamento de aulas Yanomami, respeitando as referências

indígenas, sua cultura e costume. Essa experiência foi realizada ao final do segundo semestre de 2015, nos *xapono*¹ Raita e Ixima, através da organização não-governamental Secoya – Associação Serviço e Cooperação com o Povo Yanomami, mediada pela equipe de educação escolar diferenciada, composta então por 02 assessoras e uma consultora externa. Paralelo a experiência, este ensaio faz uma relação com a legislação vigente sobre Educação Escolar Indígena, trazendo para discussão os desafios apresentados pela educação intercultural, bilíngue e comunitária, onde se tem como fundamento principal o respeito e valorização da cultura do povo ao longo de todo o processo escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Educação intercultural, professores Yanomami, Educação Escolar.

INTRODUÇÃO

Ao falarmos da formação inicial de professores indígenas, nos deparamos com diversas situações desafiadoras, desde o que é a escola indígena, para que ela serve, que criança / adolescente / jovem está nesse espaço de aprendizagem, até que tipo de professor deve atuar nesses espaços.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação

Nacional - LDBEN 9394/96 assegura aos povos indígenas a educação escolar bilíngue e intercultural, garantindo acesso aos conhecimentos técnicos construídos pela sociedade envolvente, bem como o trabalho com o conhecimento tradicional do povo em que a escola está inserida e de outros povos, como vemos em seu artigo 78:

Art. 78. O sistema de Ensino da União, com a colaboração das agências federais de fomento à cultura e de assistência aos índios, desenvolverá programas integrados de ensino e pesquisa, para a oferta de educação escolar bilíngue e intercultural aos povos indígenas, com os seguintes objetivos:

I – Proporcionar aos índios, suas comunidades e povos, a recuperação de suas memórias históricas; a reafirmação de suas identidades étnicas; a valorização de suas línguas e ciências;

II – garantir aos índios, suas comunidades e povos, o acesso às informações, conhecimentos técnicos e científicos da sociedade nacional e demais sociedades indígenas e não-índias (BRASIL, 1996, p. 25).

A partir desse artigo, destacamos também a necessidade da formação continuada, que trabalha com o professor atuante na escola, que já possui, ou deveria possuir, competências e habilidades voltadas para a mediação de conteúdos, trabalhadas ao longo do magistério e/ou licenciatura indígena, e que agora precisa de um espaço que possibilite a discussão e reflexão sobre as questões que se apresentam no trabalho cotidiano, como planejamento de aulas, diários de classe, relatórios, conteúdos escolares e outros, refletindo e pensando sobre as práticas escolares interculturais de forma coletiva.

Este trabalho traz o relato da experiência de uma oficina de formação continuada realizada junto aos professores indígenas Yanomami, intitulada “Organização do Trabalho Escolar”, onde objetivou-se construir coletivamente um modelo de plano de aula, para ser usado como norte pelos docentes Yanomami.

Ao se trabalhar junto aos professores indígenas, em específico, aldeados, nesse caso, os Yanomami, é perceptível a gritante necessidade de um trabalho de acompanhamento mais próximo junto ao corpo docente, de forma a articular coletivamente o fazer escola, ou seja, o funcionamento rotineiro dessa instituição, e entender o que se quer com a mesma, fazendo com que esta esteja conectada com a realidade da aldeia em que está inserida, bem como com o movimento indígena tanto local quanto regional e nacional, almejando também que o modelo escolar implementado se construa de forma endógena, ao invés de ser trazido de fora para dentro.

Partindo disso, entende-se a necessidade de realizar, periodicamente, encontros de formação continuada junto ao professorado Yanomami, trabalhando as questões relativas ao dia-a-dia da sala de aula de forma articulada com o previsto na legislação vigente a respeito da Educação Escolar Indígena.

A Associação de Serviço e Cooperação com o Povo Yanomami – SECOYA atua junto ao povo indígena Yanomami desde 1991, e em 2014 formou, em parceria com a Secretaria do Estado de Educação do Amazonas – SEDUC-AM, vinte e nove professores indígenas a nível de Magistério Intercultural. E, prosseguindo com o trabalho formativo, iniciou a realização de oficinas de formação continuada.

A experiência que trazemos como centro das reflexões do presente artigo, aconteceu no fim do segundo semestre de 2015, em dois *xapono* localizados no rio Marauíá², trabalhando de forma coletiva, bilíngue (português e em seguida a tradução para a língua Yanomami, por um dos professores indígenas), comunitária e intercultural.

SOBRE REALIZAR UMA FORMAÇÃO DE PROFESSORES COM A VIDA NO XAPONO

A oficina realizou-se ao longo de vinte e seus dias no *xapono* Raita e, em seguida, outros vinte e seis dias no *xapono* Ixima. Escolheu-se dividir o grupo de professores em duas aldeias a fim de trabalhar com coletivos menores, de forma a possibilitar um melhor desenvolvimento das atividades, contemplando maior tempo para discussões e traduções.

No primeiro *xapono*, foi necessário esperar 10 dias para dar início às aulas, visto que estava acontecendo um ritual funerário – *Reahu*. Entendemos que é preciso respeitar as questões culturais e comunitárias do povo indígena, pois a escola é o *xapono* e o *xapono* é a escola. Não há uma dissociação entre tais atores sociais, e portanto deve ser respeitado o calendário comunitário vigente.

A temática proposta para o encontro de formação surgira de necessidades apontadas pelos próprios professores Yanomami, em outrora. Com isso, ao final do ritual, iniciou-se a formação apresentando o que se tinha planejado, adequando às necessidades locais, e organizando os dias e horários coletivamente.

O desenvolvimento da formação sustentou-se constantemente em bases da educação popular, articulando momentos de diálogo, conversas, trabalhos em grupos, garantindo que todo o desenrolar da formação se construísse de forma coletiva, democrática e participativa, assumindo a posição de formador popular, partindo do conhecimento e da realidade ali vivenciada, contrapondo a posição daquele docente detentor da fala e do conhecimento, e discente como tábula vazia, fundamentando-se assim nos escritos de Paulo Freire:

O educador, que aliena a ignorância se mantém em posições fixas, invariáveis. Será sempre o que sabe, enquanto os educandos serão sempre os que não sabem. A rigidez dessas posições nega a educação e o conhecimento como processos de busca (FREIRE, p. 67, 2005).

2 O Rio Marauíá está localizado no município de Santa Isabel do Rio Negro, no Estado do Amazonas.

Buscando trazer o conhecimento de cada um e cada uma para as rodas de aprendizagem, todo momento se construíra em conjunto, com a fala de uma das professoras formadoras, constantemente indagando e mediando para se chegar em um consenso, e a fala de um professor Yanomami, eleito diariamente, para se realizar a tradução da fala, de forma a garantir o real entendimento por todos os participantes, inclusive os que menos compreendem a língua portuguesa.

É importante destacar que constantemente fez-se a relação da temática com alguma questão da vida cotidiana Yanomami, tentando fazer entender as relações existentes entre os variados mundos, e as diversas formas de se organizar alguma atividade, seja ela escolar ou da vida comunitária.

Ao iniciar a abordagem sobre planejamento de aulas, usou-se o exemplo da caça: “Quando queremos caçar, o que precisamos fazer antes de sair?”. Após diversos apontamentos, foi realizada a relação com “Quando vamos dar aula, o que precisamos?”. Assim, foi se pontuando a dificuldade que o professor pode encontrar ao ir para o espaço da escola sem estar preparado, tal qual o caçador ir para a floresta sem ter se organizado previamente.

Foi promovido também um momento de socialização das práticas docentes, a fim de que conhecêssemos como as aulas acontecem em cada *xapono*, e como cada professor trabalha com sua turma. Feito isso, foi possível perceber a lógica das aulas, a sequência das ações, e as similaridades entre si, de forma que estas foram anotadas em cartolina, para que todos pudessem visualizar os itens que cada um relatara, chegando assim ao consenso do que cada um desenvolve em sua aula, e do que é importante e portanto deveria ser uma prática de todos. Destaca-se aqui que tais conclusões foram estabelecidas pelo grupo e mediadas pelas professoras formadoras presentes.

Com essa discussão, elencando o que é de fato necessário pensar antes de se iniciar a aula, chegou-se a um modelo de plano de aula Yanomami, com os itens indispensáveis para se planejar, sendo eles:

Pãxo ahe -> Exi Tëha -> Wetinaha të Tamopë -> Matohi pë -> Wapamotima -> Xitomamotima
--

5

Tabela 01: Sequência de itens do planejamento de aulas Yanomami

Utilizou-se as palavras da língua nativa para assim se ter maior sentido e estar conectado diretamente com a cultura, traduzindo também conceitos, e não somente palavras, como vemos a seguir:

- Pãxo ahe (lê-se *pancho arre*): Embalagem Yanomami, feita quando se tem alguma animal abatido pela caça, forte o suficiente para carregar todas as partes do animal a ser transportado até o *xapono*. A ideia defendida é que este é o local onde tudo se é colocado, assim como o planejamento, que deve conter tudo o que será realizado em sala de aula. Nesse sentido tal palavra em Yanomami traduz o conceito de planejamento e de título do plano.
- Exi Têha (lê-se *êchi têrra*): Tradução literal das palavras por que/porque/porquê/porquê. Significando assim que se faz necessário ter uma justificativa para se trabalhar com sua turma determinadas temáticas, pois tudo que a escola trabalha deve ter serventia na vida cotidiana do *xapono*, dentro e fora deste.
- Wetinaha të tamopë (lê-se *uetínarra tê tamôpê*): Expressão Yanomami que significa como se fazer algo ou alguma coisa. Traduz o conceito de metodologia, onde deve-se pensar em como se fará a aula, quais caminhos esta seguirá, quais momentos serão contemplados, se haverá atividade perto do rio, no pátio do *xapono*, no campo, ou alguma pessoa externa será convidada – algum Agente Indígena de Saúde, Pajé, Cacique, Técnico de saúde, entre outros.
- Matohi Pë (lê-se *matôrrri pê*): Tradução literal de materiais, significando que é necessário então, após pensar sobre como será feita a aula, elencar e separar os materiais a serem utilizados ao longo da aula, para que o desenvolvimento desta não seja prejudicado.
- Wapamotima (lê-se *uapamotíma*): Palavra criada pelos Yanomami para traduzir o significado de se realizar uma atividade sobre o conteúdo que se foi trabalhado, podendo esta ser um exercício no caderno, ou ainda um jogo, ou uma pesquisa.
- Xitomamotima (lê-se *chitomamotíma*): Palavra criada pelos Yanomami para traduzir o significado de avaliação, onde se faz necessário verificar se o estudante está aprendendo e compreendo o exposto, ou se o mesmo precisa de um auxílio maior, uma nova explicação, para se compreender o conteúdo.

Com esse exercício, de trabalhar com as palavras na língua Yanomami, buscou-se muita mais que as palavras da língua portuguesa (L2) fossem traduzidas para a língua materna (L1), e sim que o grupo de professores indígenas ali presentes entendessem os conceitos por detrás das palavras, e assim interiorizasse e refletisse tal qual uma escola Yanomami, construída – física e filosoficamente - pelos próprios indígenas, e não somente com as ferramentas ocidentais.

É importante dizer que a instituição escola nesses *xapono*, no referido momento (2015) estava passando por diversas dificuldades – falta de material escolar, não pagamento de salários de professores, estrutura física inadequada para aulas,

dentre outros – e, portanto não havia uma constância nas aulas, além de que muitas escolas estavam inativas há um significativo espaço de tempo.

Partindo disso, e após a construção coletiva do modelo de plano de aula, foi trabalhada a prática docente, realizando momentos de planejamento das futuras aulas que os professores realizariam, elaborando assim aulas para cada turma, e elencando que temáticas eram necessárias para cada grupo escolar, de forma a confeccionar planos para as temáticas de alfabetização na língua materna, letramento em língua portuguesa, matemática, ciências naturais (trabalhando inclusive questões relacionadas à saúde humana), entre outros.

No momento da prática docente, foi possível utilizar diversas dinâmicas de trabalho, onde em um primeiro momento cada professor elaborou um plano de aula, de forma individual, para a turma que leciona; em seguida, dividiu-se o coletivo em pequenos grupos, de acordo com a turma que o educador é responsável – *Horearëwë*, *Upraarëwë*, *Rërëarëwë*³ - possibilitando o trabalho conjunto e colaborativo entre professores de diferentes *xapono*; a posteriori realizou-se o trabalho de planejar aulas de diferentes temáticas, tais como: alfabetização na língua yanomami, depois ensino da língua portuguesa, matemática e ciências.

É importante ressaltar que com essa atividade foram desenvolvidas e socializadas cerca de dez planos de aula (que variavam com o tempo de duração de um à quatro dias), por professor, garantindo material para ser utilizado logo após o encontro de formação, no momento em que fosse retomada as aulas em suas respectivas escolas.

Sem dúvida, muitos desafios foram apresentados ao longo dos encontros formativos, desde a estrutura escolar até a dinâmica dos dias de trabalho, principalmente pelo fato de a formação estar acontecendo dentro das comunidades.

Durante as duas formações – no *Raita* e depois no *Ixima* – foi preciso reorganizar o calendário: na primeira adiou-se o início, na segunda interrompeu-se por alguns dias, pois haviam rituais acontecendo (naquela um ritual funerário e nesta um ritual para troca de materiais utilitários com visitantes de outra aldeia).

O trabalho com poucos instrumentos de pesquisa se apresenta como um desafio, mostrando a importância do máximo planejamento e preparação anterior, visto que no *xapono* há poucos livros disponíveis para os professores (e quase nenhum para os estudantes), e não há energia elétrica que possa ligar os computadores e assim

3 Os Yanomami, do rio Marauíá e Demini, nomearam suas turmas escolares de forma diferenciada, adotando nomes da língua materna para diferenciar em três grandes grupos de ensino: *Horearëwë* (lê-se *rorearëuê*) significa aquele que engantina, portanto é a turma para os iniciantes no sistema escolar, sendo assim alfabetizados na língua materna; *Upraarëwë* (lê-se *upraarëwê*) significa aquele que levanta, sendo a turma destinada para os que já se encontram alfabetizados na língua materna e começam a estudar a língua portuguesa também; *Rërëarëwë* (lê-se *rêrëarëuê* – com o primeiro r de forma tremida tal qual o r do meio da palavra), significa aquele que corre, sendo a turma dos considerados avançados, e estudam majoritariamente a língua portuguesa. Esses grupos são equivalentes ao Ensino Fundamental 1.

acessarmos materiais digitais. Portanto, vale ressaltar a importância de se iniciar a formação com cada momento planejado de forma extremamente detalhada, ainda que se tenha flexibilidade e que estejam previstos momentos de construção coletiva, tal como Libâneo afirma:

O processo e o exercício de planejar referem-se a uma antecipação da prática, de modo a prever e programar as ações e os resultados desejados, constituindo-se numa atividade necessária à tomada de decisões [...]. Sem planejamento, a gestão corre ao sabor das circunstâncias, as ações são improvisadas, os resultados não são avaliados (LIBÂNEO, 2001, p. 123).

Nota-se assim, que se faz necessário ter, antecipadamente, a previsão do resultado que se quer com o encontro a ser realizado, a fim, principalmente, de possibilitar que sejam levados aos espaços das formações, acervo de pesquisa para os professores indígenas, além de facilitar nos momentos de tomadas de decisão sobre as atividades diárias do encontro formativo. Ainda que deva considerar a realidade vivenciada, não se pode realizar um trabalho sem objetivo, ou ainda, incompleto, que não leve resultados palpáveis e significativos para a comunidade em questão.

A formação, assim como a escola, não pode deixar de se adequar à vida cotidiana, haja vista que o espaço é uno, e a comunidade é um todo, e portanto deve considerar possíveis imprevistos que podem acontecer. Dito isso, destaca-se outras paralisações inesperadas ao longo da formação: a) Quando um morador esteve muito doente, precisando realizar rituais de cura constantemente: em respeito ao sofrimento dos moradores e ao ritual paralisou-se a formação até a melhora deste; b) Presença de quantidade significativa de animais de caça – porco do mato – nas proximidades do xapono: durante aula, percebeu-se a aproximação dos animais, e portanto muitos professores se deslocaram para caçá-los, garantindo assim o alimento de vários dias para a comunidade. Não pode-se promover a aula em detrimento das necessidades básicas; c) Auxílio para carregar animal abatido – anta: necessitou-se do auxílio de professores para buscar a carne da anta que fora abatida, e portanto paralisou-se a formação, pois é preciso entender as necessidades comunitárias.

Assim como esses, alguns outros momentos apresentaram-se como desafios para o desenvolvimento da formação, nos fazendo perceber a necessidade de saber lidar com as adversidades das atividades em um espaço comunitário, e se respeitar o ambiente em que está inserido. Contudo, valendo-se do que se tinha planejado para o resultado a ser alcançado, todos os momentos que precisaram ser replanejados coletivamente, o foram sem prejudicar o objetivo maior – que os professores compreendessem a importância de se organizar a escola, bem como suas aulas, antecipadamente, para que assim se consiga proporcionar melhores

ambientes de aprendizagens para os estudantes das escolas indígenas.

É importante destacar o aproveitamento dos professores Yanomami, onde puderam compartilhar suas experiências pedagógicas, discutir sobre a qualidade social de suas escolas e refletirem sobre o funcionamento das mesmas, e sobre a elaboração de suas aulas, bem como conteúdos que são adequados para cada fase de aprendizagem.

Nessa construção colaborativa, pôde-se discutir sobre o trabalho em sala de aula com mais de vinte professores Yanomami, buscando assim uma linha em comum enquanto povo indígena, na direção da efetivação de uma escola endógena que representa e esteja ao lado dos interesses do movimento ali vivenciado, respeitando as especificidades de cada *xapono* e trabalhando em prol de um objetivo comum – da defesa dos direitos do povo Yanomami.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho junto as escolas do povo Yanomami, nesse caso, do rio Marauaiá, apresentou um significativo número de desafios a serem superados e contornados ao longo de sua prática. Não se pode cair na tentação de imaginar que o trabalho dentro desta realidade será tal qual o trabalho na área urbana, ou ainda, tal qual o trabalho com outro povo indígena (ainda que seja um povo também aldeado).

É preciso compreender a especificidade desse povo nessa localidade, que tem como pano de fundo também, entrelaçado em suas vidas, as relações com variadas organizações não-governamentais, governamentais, pesquisadoras e pesquisadores, e o próprio contato constante com a área urbana (na cidade de Santa Isabel do rio Negro- Estado do Amazonas).

Sem dúvidas, muitas são as dificuldades enfrentadas, visto que é uma realidade completamente diferente da que os profissionais de educação da área urbana estão acostumados a vivenciar. No entanto, é preciso apreender que não se trata de uma realidade pior ou melhor, apenas diferente, com suas especificidades enquanto povo indígena e enquanto seres humanos moradores da floresta amazônica. Por isso é preciso fazer o chamado à descolonização de nossas mentes e aceitar as variadas formas de se constituir a vida humana, respeitando-as e trabalhando democraticamente.

Feito isso, com a mente aberta para compreensão do outro, é possível desenvolver o trabalho mais próximo possível do que está referenciado nas bases legais sobre a educação escolar indígena e sobre a formação do professor indígena, de forma comunitária, bilíngue, intercultural, e democrática; garantindo a participação ativa e qualificada dos professores indígenas em formação, na condução de todo o seu processo formativo.

O resultado de um trabalho que baseia-se na tríade comunitário-bilíngue-intercultural, constantemente será positivo, garantindo uma escola de fato indígena, com sua rotina, seu significado, sua real importância, seu espaço indígena, deixando para trás o pensamento – e a prática – de se levar a escola ocidental, da população não-indígena, para as aldeias, tribos, comunidades, *xapono*, onde não havia diálogo, conexão, ou mesmo reconhecimento, por parte da escola, da riqueza cultural indígena.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação nacional**, nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996.

_____. **Referencial curricular nacional para as escolas indígenas**/Ministério da educação e do desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 199.

_____. **Referenciais para formação de professores indígenas**/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 2002.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. Goiânia: Alternativa, 2001

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 14ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alfabetização 7, 98, 120, 121, 122, 123, 145, 148, 230, 250, 314, 315, 322, 325, 332
Annona muricata L 92, 93, 99
Aprendizagem docente 27
Arborização escolar 92, 100
Atenção integral à saúde 73
Atendimento educacional especializado 1, 2, 4, 6, 33, 84, 85, 86, 87, 90

C

Conocimiento científico 8, 9
Cotidiano escolar 27, 31, 35, 36, 37, 42, 46, 281
Cristianismo 165, 166
Cultura escolar 38, 39, 40, 41, 46, 49, 50, 147

D

Deficiência intelectual 1, 3, 4, 175
Design-based research 51, 52, 59
Design cognitivo 51, 53, 54, 55, 56, 58
Didáctica de la Biología 8, 10
Divulgação científica 143, 145, 146, 148, 299

E

Educação de jovens e adultos 113, 114, 117, 118, 119, 120, 121, 124, 125, 126
Educação do campo 102, 104, 105, 106, 107, 110, 111
Ensino de química 156, 164, 325
Ensino médio 44, 82, 83, 84, 85, 87, 88, 89, 90, 118, 119, 156, 157, 158, 159, 164, 210, 212, 213, 218, 220, 225, 226, 231, 249, 301, 302, 303, 325
Escola parque 51, 54, 55, 56, 57, 58, 59
Escola pública estadual 38
Espaço não escolar 145, 148
Espaços culturais 38
Êxodo rural 102, 103, 104, 105, 106, 108, 109, 110, 111, 112
Extremo oeste catarinense 102, 103, 104, 105, 106, 107, 109, 110, 111, 112

F

Formação continuada 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 36, 37, 128, 129, 135, 142, 143, 189, 191, 192, 193, 195, 196, 197, 231, 297, 313, 315, 316, 317, 318, 319, 320, 321, 322, 323, 324, 325, 326, 327, 328, 329, 347
Formação de professores 37, 83, 86, 129, 130, 131, 134, 135, 143, 145, 147, 164, 191, 194, 198, 218, 242, 247, 249, 251, 252, 253, 314, 316, 318, 321, 322, 324, 325, 326, 327, 329, 335

H

Historia de las Ciencias 8

I

Idade média 132, 165, 166, 167, 168

Inclusão 1, 48, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 113, 114, 121, 125, 130, 131, 143, 147, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 179, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 189, 190, 233, 234, 235, 240, 241, 253, 262, 263, 278, 280, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 297, 298, 299

Inclusão escolar 82, 84, 85, 86, 87, 113, 174, 176, 177, 185, 233, 234, 235, 241, 263, 283, 284, 285, 297, 299

J

Jogo 1, 3, 4, 5, 6, 115, 119, 220, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 321, 322, 331

L

Legislação 68, 86, 88, 106, 113, 114, 123, 179, 192, 246, 252, 327, 328

Letramento científico 145, 148

M

Matemática 1, 7, 219, 236, 238, 250, 254, 302, 313, 318, 321, 323, 324, 332

Metodologia experimental 156, 159

Museu virtual 51, 54, 56, 57, 58

P

Pensamiento científico 8

Pequenos querubins 92, 94, 98, 99, 100, 101

Política pública de saúde 73

Políticas educacionais 37, 82, 282

População LGBTQI+ 73, 74, 76, 77, 78, 79, 80

Prática pedagógica 27, 31, 34, 36, 39, 47, 129, 134, 231, 241, 273

Práticas culturais 38, 48

S

Sociocultural 77, 102, 103, 104, 111, 131, 195, 253

Soluções 4, 35, 45, 52, 55, 155, 156, 158, 159, 160, 163, 202, 206, 208, 216, 223, 262, 270

T

Tese 102, 103, 105, 106, 112, 143, 144, 176, 186, 200, 218, 253, 263, 323, 325, 346

 **Atena**
Editora

2 0 2 0